

PORTUGAL E BRASIL: O MEDIEVO IBÉRICO NO ENSINO DE LITERATURA PORTUGUESA ¹

PORTUGAL AND BRASIL: THE MEDIEVAL IBERIAN IN THE TEACHING OF PORTUGUESE LITERATURE



Vol. 10 Número Especial

jan./jun.2015

p. 361 - 367

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho ²

RESUMO: Nas universidades, muitas vezes a historiografia literária, a crítica e a teoria da literatura, em suas modalidades tradicionais, científicas, lógicas e objetivistas, acabam afastando os estudantes de Letras da literatura e do próprio curso, pois esses frios mecanismos de investigação tornam a leitura muito mais uma atividade de “medicina experimental” (com suas dissecações sombrias) do que propriamente um ato de leitura (ligado à cultura e ao pensamento). Essas técnicas de tratamento também estão presentes na escola, instituição que deveria fomentar a leitura entre as crianças e os jovens e, no entanto, fracassa em sua missão; sem contar que frequentemente a literatura não é sequer abordada. Todos os recursos podem ser válidos para o estudo das obras (“todos?”); mas reduzir a escrita literária a um cadáver a ser decomposto em partes e tratar essas partes como objetos inferiores não parece algo muito simpático. Outra forma suspeita de abordagem do texto literário é aquela que dá maior importância a vários itens exteriores ao seu corpo, à sua tessitura e à sua composição e o deixa em último lugar; ou, às vezes, até o abandona. No ensino de literatura portuguesa no Brasil, muitas vezes os estudos dos textos medievais causam estranhamento, pelas características idiomáticas históricas dos escritos, o que leva até mesmo à inacreditável negação desse material literário, que constitui um verdadeiro tesouro legado pelo passado. As especificidades linguísticas dos escritos literários medievais lusitanos constituem um atrativo a mais para essas peças, que podiam ter se perdido, mas sobreviveram à destruição ou ao sumiço, fornecendo, assim, informações sobre essa época, passada e ao mesmo tempo persistente, que se comunica com os dias de hoje, por intermédio de seus vestígios. Viajando pelas sendas da literatura medieval portuguesa, é possível percorrer cidades e aldeias; vislumbrar as pessoas envolvidas com seus trabalhos, suas famílias, seus afetos; observar seus interesses, seus conflitos, sua organização política e social, os enredos

¹ Este trabalho está ligado ao Projeto de Pesquisa “Brasil e Portugal: o processo colonial”, desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis, por sua vez vinculado ao Grupo de Pesquisa “As vicissitudes da civilização brasileira”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq) desde 2010. Foi apresentado no “Congresso de Pesquisa em Educação 2013: Tempos de Vida, Cultura e Educação” (CONPEDUC 2013), ocorrido no período de 27 a 30 de agosto de 2013, na UFMT, Campus de Rondonópolis e publicado no CD-ROM do evento. Esta versão foi revista e um pouco modificada.

² Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso.

econômicos nos quais estão embaraçadas, suas batalhas cruciais. A proposta deste trabalho é fazer um breve mergulho na literatura medieval portuguesa, uma imersão pelas letras vivas da poesia e da prosa do período, na busca de registros do passado, que são estéticos, históricos e culturais — e nos quais vibram questões perenes, sobre o mundo, a existência, o ser humano e as coisas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Portugal. Idade Média.

ABSTRACT: In universities, many times literary historiography, criticism and theory, in their traditional, scientific, logical and objectivist modalities, have the effect of distancing the Letters student from literature and from the course of study itself, for these cold investigative mechanisms turn reading into more an activity of “experimental medicine” (with its sinister dissections) than an act of reading, per se (related to culture and thought). These techniques for the treatment of literature are also found in the school, an institution which should foment reading amongst children and youth, but which fails in its mission; not counting the fact that literature itself is frequently not even approached. All of these resources may be valid for the study of literary works (all of them?); however, to reduce literary writing to a cadaver to be decomposed into parts which are then treated as inferior objects doesn't appear very pleasant. Another suspicious way of approaching the literary text is that which gives more importance to various aspects which are exterior of the body of the work, of its contexture and its composition, and which leaves the body in last place; or, at times, even abandons it. In the teaching of Portuguese literature in Brazil, many times the study of Medieval texts causes estrangement, due to the historical idiomatic characteristics of the writings, and even may lead to the unbelievable negation of this literary material, which constitutes a legacy of the past that is a true treasure. The linguistic specificity of these Medieval Portuguese literary writings constitutes another attractive aspect of these works, which could have been lost, but survived destruction and disappearance, providing in this manner, information about the period, long gone but at the same time persistent, which communicates with our own time, through its vestiges. Traveling along the paths of Portuguese Medieval literature, it's possible to wander through cities and villages; catch a glimpse of people involved with their work, their families, their affections; observe their interests, their conflicts, their political and social organization, the economical plots in which they were entangled, their crucial battles. The aim of this work is to dip ourselves briefly in Portuguese Medieval literature, an immersion into the spirited lyrics of the poetry and prose of the period, in the search for aesthetic, historical and cultural registers of the past – and in which vibrate perennial questions about the world, existence, human beings and things.

KEYWORDS: Literature. Portugal. Middle Ages.

Reclamações sobre o ensino, a universidade, a filosofia e o conhecimento não são escassas ao longo da história e facilmente podem ser percebidos ataques sistemáticos contra práticas epistemológicas, teóricas e educativas. Toda a filosofia não é constituída de combates fatais entre filosofias? No caso da universidade, talvez cada queixa venha à tona porque seu portador esteja insatisfeito com o que vê, já que compara o quadro concreto com a imagem ideal que possui e gostaria de ver em andamento. Frustrar-se com a realidade não é raro para o ser humano.

Vejam os três rápidos exemplos desses desagradados ou questionamentos que têm como ponto de princípio ou alvo a educação, a filosofia ou o conhecimento: René Descartes, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault.

René Descartes, no *Discurso do método* (1962, p. 43), pensando na condução de sua própria razão, relembra a educação que teve e não deixa de se perguntar sobre a validade de muita coisa estudada ao longo dos anos: “Fui nutrido nas letras desde a infância, e por me

haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las”, escreve; “Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião”, opõe. Claro que sua filosofia é uma resposta a esse descontentamento.

Para Friedrich Nietzsche, em *Além do bem e do mal*, os filósofos se iludem com o brilho dos seus dogmas: “Falando seriamente, há boas razões para esperar que toda dogmatização em filosofia, não importando o ar solene e definitivo que tenha apresentado, não tenha sido mais que uma nobre infantilidade e coisa de iniciantes” (1998, p. 7). O conhecido tom de Nietzsche desenvolve, então, os seus costumes ataques.

Partindo da filosofia de Nietzsche, Michel Foucault, em *A verdade e as formas jurídicas*, afirma que o conhecimento não faz parte da natureza humana, que ele é resultado de combates instintivos ocorridos no interior do próprio homem e que não é aparentado com as coisas a serem conhecidas, com o mundo. Para Foucault, o conhecimento não estabelece uma relação de aproximação com as coisas, mas sim uma relação de poder; dirige de encontro a elas uma tremenda violência que, longe de se irmanar com sua “essência”, subordina-as e as ataca.

Da mesma maneira como existem reclamações contra o ensino, a filosofia ou o conhecimento, também há queixas contra a estética, a crítica ou a teoria da literatura. Rainer Maria Rilke, em suas *Cartas a um jovem poeta*, reclama da pretensão da crítica de submeter a poesia a opiniões questionáveis: a solidão da obra de arte não pode ter nunca como acompanhante legítimo esse julgamento crítico pretensioso e arrogante. Como, pois, a escola e a universidade, assim como os leitores que querem devorá-la, devem tratar a literatura? Então é necessário pensar em uma alternativa: que a crítica seja, também ela, poética, de alguma maneira, o que significa que a experiência crítica deve valorizar a linguagem e a poesia, ter com elas uma relação corpo a corpo, à maneira dos amantes, e não submetê-las como um espadachim, um lutador, um combatente ou um assassino.

A literatura medieval portuguesa muitas vezes recebe uma recepção fria por parte de professores e estudantes, porque suas especificidades estéticas, linguísticas, históricas, geográficas trazem alguma dificuldade; no entanto inúmeras questões universais e, portanto, atuais, surgem de suas palavras. Desde as guerras entre cristãos e islâmicos, de caráter mais político e econômico, até os sentimentos amorosos de uma pastorinha chorosa, inúmeros problemas podem fisgar a atenção do leitor.

O olhar sério e orgulhoso do guerreiro, os perigos que ele enfrenta nos campos de batalha, as palavras que emite diante dos estragos que faz ou que sofre e diante da perda de seus companheiros, caídos, feridos ou mortos, pelo chão: são pontos que o leitor imediatamente encontra na narrativa “De dom Gomçallo Meendez da Maya o Lidador e das batalhas que ouue”, do *Livro de linhagens do Conde Dom Pedro*.

Dom Gomçallo Meendez da Maya é um cavaleiro a serviço de Dom Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal (que reina de 1139 a 1185). O epíteto “o Lidador” é muito mais um título de que uma mera referência a sua experiência guerreira: o qualificativo refere-se às atuações lendárias e exemplares do nobre combatente nas batalhas que enfrenta durante sua longa vida. O Lidador é um autêntico cavaleiro, bondoso, honrado e corajoso, de acordo com os códigos que regulam a conduta desses homens de armas da Idade Média.

No texto contido no *Livro de linhagens do Conde Dom Pedro*, é possível acompanhar a última batalha de Dom Gomçallo Mendez da Maya. Os cristãos enfrentam os muçulmanos nos arredores de Beja, local de que o Lidador está encarregado da defesa. Atingido ele na peleja, é levado por seus companheiros para um lugar afastado. Embora esteja mortalmente ferido, conversa com os seus guerreiros sobre o seu sucessor e pede que seu genro o substitua no comando. Neste ponto, é possível perceber o quanto o capitão é querido por

seus colegas, pois todos o ouvem com muito respeito, comovidos com o seu estado. Dizem-lhe que se desarme e se recoste a um canto de onde possa ver os seus camaradas matarem ou morrerem em sua proteção e em defesa do reino; porém, mesmo sangrando e perdendo as forças, o Lidador não admite apartar-se da luta e volta para o *front*; e se lança, ainda uma vez, na carnificina da guerra. Quando é encontrado morto por seus companheiros, é mencionado, na narrativa, que “a tristeza e o dó dos fidalgos foy muy grande, e leuaromno muito homrradamente”.

Esta narrativa serve de base para Alexandre Herculano escrever o conto “A morte do Lidador”, no século XIX. Neste conto, com interesse de historiador, Herculano pinta a paisagem do século XII, sempre marcada pelos conflitos entre cristãos e mouros. Na cena da morte do herói, o corpo do guerreiro é encontrado dilacerado pelos golpes inimigos: “os ossos do ombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e para outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão” (HERCULANO, 1985, p. 113). Herculano também toma a figura lendária de Gonçalo Mendes da Maia como personagem no romance *O bobo*, cujo tema é a Batalha de São Mamede, ocorrida em 1128. Já no século XXI, em *O cavaleiro da água*, de Fernando Campos (2005, p. 398), o Lidador volta a aparecer como personagem: “Gonçalo caía varado nas costas por lança certeira, arqueia o peito e o montante ainda fere, ainda corta cabeças em redor e rola-lhe o corpo sobre os cadáveres dos mouros”. Clementina Moreira dos Santos, em *O Lidador, entre a genealogia e o romance*, persegue os sentidos históricos e literários que giram em torno do vulto do cavaleiro português; ela retoma o *Livro de linhagens do Conde Dom Pedro*, o conto de Herculano e o romance de Fernando Campos. Todo este jogo intertextual pode ser alinhavado na sala de aula e sem dúvida que várias discussões e atividades podem ser muito proveitosas, sempre na busca de estimular a leitura, fomentar o gosto pela literatura e formar leitores.

Ainda no âmbito da discussão sobre a guerra, José d'Assunção Barros (2006, p. 25) utiliza como epígrafe de seu trabalho estas palavras de Bertrand de Born:

Eu vos digo que nem comer, nem beber, nem dormir têm tanto sabor para mim como ouvir o grito 'Para a frente', de ambos os lados, e cavalos sem cavaleiros refugando e relinchando, ouvir o grito 'Acudi! Acudi!' e ver o pequeno e o poderoso tombarem na grama das trincheiras e os mortos atravessados pela madeira de lanças adornadas com flâmulas.

A frase de Bertrand de Born soa, hoje, talvez até como absurda, desumana, porém Barros (2006, p. 26) alerta que “O exercício mais ou menos livre da violência foi, nos primeiros tempos medievais, coisa tão corriqueira como é hoje em dia a observância a certos preceitos de 'civildade'”. Durante a Idade Média portuguesa, sobretudo é a guerra, além de outros tipos de incursões militares com objetivos de pilhagem, que o país enfrenta. Os primeiros reinados da Coroa Portuguesa estão totalmente envolvidos com a chamada “Reconquista”, ou seja, a guerra entre cristãos e mouros.

Mas o leitor também pode acompanhar o grave problema da guerra na voz sentida e dengosa da mocinha que, solitária, reclama da ausência de seu amado, porque este, atendendo à demanda dos tempos sangrentos em que vive, deve deixá-la e seguir para as frentes de batalha. É o que ocorre no contexto da cantiga “Amiga, muit' há gran sazón”, de Dom Dinis:

Amiga, muit' há gran sazón
que se foi daqui con el-rei
meu amigo, mais já cuidei
mil vezes no meu coração
que algur morreu con pesar,

pois non tornou migo falar.

Por que tarda tan muito lá
e nunca me tornou veer,
amiga, si veja prazer,
mais de mil vezes cuidei já
que algur morreu con pesar,
pois non me tornou migo falar.

Amiga, o coração seu
era de tornar ced' aqui
u visse os meus olhos en mi;
e por en mil vezes cuid' eu
que algur morreu con pesar,
pois non tornou migo falar.

Comovida, a moça reclama, junto à sua confidente, evocada nas três estrofes, que seu amigo partiu já há *muito* tempo para a guerra e ainda não voltou. A marca temporal “muit' há gran sazon” apresenta uma dimensão também emocional, de modo que a demora do amigo dilata-se com a saudade que sente a moça. Para aumentar a dor de seu lamento, ela julga, pela falta de notícias, que ele caiu morto, no chão sangrento da guerra; e sua angústia repete, insistente, para ela própria e para a sua amiga: “que algur morreu con pesar”, augúrio que lhe persegue em seus cuidados: “[...] mais já cuidei / mil vezes no meu corazon”, “mais de mil vezes cuidei já”, “e por en mil vezes cuid'eu”.

Ingenualmente, porventura, o namorado pretendia regressar logo da guerra, para ver os olhos dela, certamente expressivos e cheios de afeto. Tendo em vista que os olhos e o olhar são responsáveis, na literatura medieval, por sentimentos capazes de comprometer a vida toda dos amantes, o casal em questão não tem chance de se entreolhar, de se tocar, de conviver, pois ele está longe e sua ausência talvez seja definitiva.

Não é difícil imaginar a moça em suas ocupações diárias, na aldeia, em família, em um canto afastado, a cismar, preocupada, ansiosa, inquieta. A vida transcorre, com sua materialidade específica, histórica, social, cultural. Dentro desse contexto, ela, que tem um tempo medido de vida, que ama e que deseja, sente a falta de seu amigo; e não sabe se ele voltará ou não, porque pode ter morrido na guerra, “que algur morreu con pesar”, “que algur morreu con pesar”...

Em um tempo de violência física constante, em que os nobres podiam quase que à vontade exercer o poder de tributar, de hostilizar, de usurpar, e em que os ataques às aldeias eram comuns, a moça sofre todos esses perigos, juntamente com os seus. E ainda ela padece porque seu amigo foi combater, junto ao rei, em algum lugar distante. E talvez ele não volte.

O tempo histórico que envolve a vida da enamorada é uma terrível época. Dos romanos aos reinados medievais, as terras que de Lusitânia se tornam Portugal e a Península Ibérica como um todo passam por momentos de muita violência e instabilidade. José Mattoso (2001, p. 31) situa, nos solos lusos, o contexto geral dos visigodos, após as invasões bárbaras: “Como é evidente, as sucessivas camadas de povos germânicos que depois ocuparam o ocidente da Península também não chegaram a unificar o território por eles dominado”; e também o período islâmico: “Pode-se dizer aproximadamente o mesmo da ocupação muçulmana, que, de resto, foi muito efêmera a norte do Douro, e que foi constantemente entrecortada por revoltas regionais e locais”. Os primeiros reinados portugueses empenham-se, basicamente, em retomar dos muçulmanos os espaços considerados cristãos e organizar politicamente um território constantemente ameaçado

pelos inimigos. Além disso, os próprios nobres vivem em conflito entre si e, às vezes, abertamente enfrentam os reis, e então a insegurança é frequente. No reinado de Dom Dinis, que ocorre de 1279 a 1325, o rei trovador toma várias medidas que visam estabilizar a situação:

criou os corregedores para aperfeiçoarem o sistema judicial, organizou o notariado, formou um corpo de escrivães régios junto dos concelhos, controlou as eleições dos magistrados municipais, recrutou um corpo regular de besteiros fornecidos pelos concelhos, cerceou os privilégios senhoriais, impôs a noção de uma justiça régia capaz de perseguir os crimes mesmo nos territórios imunes etc. (MATTOSO, 2001, p. 39).

É claro que podemos ver com desconfiança o sentimentalismo feminino representado na cantiga de Dom Dinis (por ser convencional, por ter uma função “educativa” etc.), porém não deixa de haver, sim, uma possibilidade de abordagem lírica das emoções humanas dessa época violenta, repleta de triunfo e desgraça. Existe uma história dos sentimentos.

As cantigas medievais portuguesas trazem consideráveis informações históricas, de situações que merecem ser detidamente consideradas pela inteligência humana, e ainda hoje é possível ouvi-las, musicadas e cantadas, pois inúmeras delas estão disponíveis na internet. De modo que literatura, história, filosofia e música, entre outros domínios, podem entrar em diálogo nas discussões dessas matérias “literárias”, no contexto escolar ou universitário.

Ainda outro ponto relevante é a correspondência Brasil/Portugal. São os portugueses que chegam aqui em 1500 e impõem a ocidentalização do lugar. Antônio José Saraiva (2010, p. 9) começa o seu livro *Iniciação à literatura portuguesa* citando o lamento de Dom Afonso VI (avô de Dom Afonso Henriques) pela perda de um filho, na batalha de Uclés, ocorrida em 1108: “Ay meu fillo! ay meu fillo, alegria do meu coração e lume de meus ollos, solaz de mia velhece! Ay meu espello en que me soía veer e com que tomaba gran prazer! Ay meu herdeiro mor. Cavaleiros u me lo leixastes? Dade-me o meu filho, Condes!”. Quantas misteriosas revelações a história e a literatura podem proporcionar sobre essa gente que chega à gigante plaga, atlântica e continental, agora transformada absurdamente, doravante mestiça e enigmática? Assim como a ancestralidade indígena, o sangue africano e outros cadinhos genéticos do mundo compõem o denso Brasil, motivos arcaicos de nossa cultura, estão por lá, pela Península Ibérica, moderna, medieval, vetusta. Lusófono, o Brasil soma textos às literaturas de língua portuguesa. Ademais, a discussão dessas lendas, em poesia ou em prosa, não se relaciona com a situação daqueles brasileiros que perdem seus queridos na guerra crua da violência social do país, e também com os corpos que tombam, diariamente, dentro da turbulência das cidades? “O guri no mato, acho que tá rindo / Acho que tá lindo de papo pro ar”, canta Chico Buarque (1993, f. 3).

Notas

³ O texto consultado está presente no livro *Antologia de textos medievais*, de José Pereira Tavares (1957, p. 233-237).

⁴ No livro de Segismundo Spina, como é comum nas antologias de cantigas trovadorescas, encontram-se algumas notas, que auxiliam, sempre, na compreensão do poema – “há gran sazón”: há muito tempo; “algun”: nalguma parte; “coraçõn”: intenção; “u”: quando.

REFERÊNCIAS:

BARROS, José d'Assunção. O trovadorismo medieval ibérico e a violência simbólica – séculos XIII-XIV. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 25-42, dezembro 2006.
BUARQUE, Chico. **Almanaque**. [S.l.]: Polygram, 1993, 1 CD.

- CAMPOS, Fernando. **O cavaleiro da águia**. Algés, Portugal: Difel, 2005.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. In: _____. *Obra escolhida*. Tradução: J. Guinsburg; Bento Prado Júnior. São Paulo: Difel, 1962, p. 39-104.
- DOM DINIS. Amiga, muit' há gran sazon. In: SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa: era medieval**. São Paulo: Difel, 1985, p. 35.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado; Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- HERCULANO, Alexandre. **O bobo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- _____. *Contos*. 2. ed. Introdução e seleção: Fernando Correia da Silva. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MATTOSO, José. A formação da nacionalidade. In: TENGARINHA, José (Org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: Edusc; São Paulo, SP: Unesp; Portugal, PT: Instituto Camões, 2001, p. 31-41.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. 2. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta; A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. Tradução: Paulo Rónai; Cecília Meireles. 24. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- SANTOS, Clementina Moreira dos. **O Lidador, entre a genealogia e o romance: glosas de um retrato ficcional**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010. Dissertação de Mestrado.
- SARAIVA, António José. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TAVARES, José Pereira. **Antologia de textos medievais**. Lisboa, Sá da Costa, 1957.

Recebido em: 18/08/2014

Aprovado para publicação em: 19/02/2015